



“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

O ESTADO DE SÃO PAULO - 20/08/2006

ISRAEL E EUA, NA ALÇA DE MIRA.

Norman Birnbaum

Nós, cidadãos americanos de origem judaica, podemos estar certos de que numerosas organizações judaicas dizem que falam em nosso nome sem que ninguém lhes tenha solicitado. Também podemos estar certos de que, se discordamos do artigo de fé fundamental da comunidade judaica nos EUA - o de que Israel nunca se engana -, nos esmagam. Quando nossos compatriotas gentios expressam algumas dúvidas, são acusados de anti-semitismo. Aos que somos judeus, acusam de odiarmos a nós mesmos.

Será possível que a obrigação suprema dos judeus americanos seja utilizar nossa influência considerável para conseguir que a política dos EUA coincida com a de Israel? As organizações judaicas nos dizem que não existe nenhum conflito de lealdades ou responsabilidades: ambos os países compartilham valores e objetivos comuns. Trata-se de uma frase absurda, mas sua repetição contradiz um estereótipo sobre os judeus: nossa suposta inteligência. Ela costuma vir acompanhada da afirmação de que não há nenhum grupo de pressão israelense, apenas cidadãos americanos expressando de maneira espontânea opiniões a seus representantes eleitos e ao governo.

A frutífera campanha do lobby israelense, coordenada pela Embaixada de Israel, para convencer o Congresso a apoiar a decisão da Casa Branca de dar carta branca a Israel no Líbano pode ser interpretada como um epílogo involuntário de outra campanha. Nesta primavera (março a junho no Hemisfério Norte), os professores John Mearsheimer, da Universidade de Chicago, e Stephen Walt, de Harvard, publicaram no *The London Review of Books* e num trabalho da Escola de Administração Pública J. F. Kennedy uma análise do "poder absoluto" exercido sobre a política dos EUA pelos defensores incondicionais de Israel. Estes reagiram com sonoras denúncias em que tacharam os autores de perversamente anti-semitas ou (nas críticas mais brandas) intelectualmente incompetentes.

A assimilação dos imigrantes judeus da Europa do Leste (entre eles, meu avô) que chegaram em fins do século 19 e princípios do 20 mudou enormemente suas posições. Hoje em dia, com judeus que se destacam em negócios e finanças, artes e profissões, ciência e educação, meios de comunicação e política, esqueceu-se o tanto de anti-semitismo que havia nos EUA há apenas 50 anos, tanto nas camadas mais altas da sociedade como em seus rincões mais obscuros. Do lado gentio, o sentimento de culpa pelo Holocausto e o filo-semitismo do protestantismo calvinista americano fizeram com que os judeus começassem a ser aceitáveis.

Entretanto, a idéia dos puritanos do século 17 de que a América era um novo Israel preparou o terreno para seus descendentes considerarem o Estado de Israel uma nação irmanada espiritual e politicamente com a nossa. Entretanto, a ascensão

“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

econômica e a aceitação social dos judeus americanos é um triunfo tanto coletivo como social. A verdade é que a idéia de que os EUA são uma cultura totalmente individualista é simplista: os avanços sociais são obra de grupos étnicos e religiosos muito organizados. Os judeus souberam utilizar muito bem a ascensão de sua condição de trabalhadores imigrantes e vendedores de rua a executivos de Wall Street e reitores de universidades para conseguir não só a integração no país, mas um grande poder político e cultural.

A capacidade de desfrutar de nosso êxito se viu diminuída pela má consciência de não ter podido ajudar os judeus europeus durante o Holocausto. Essa experiência, junto com a recordação indelével do genocídio, é um fator importantíssimo da identidade dos judeus americanos que hoje se centra na defesa incondicional do Estado de Israel. Muitos deles consideram que a Jeová, seguramente, tem que se ouvir com respeito, mas que os primeiros-ministros e chefes de gabinete de Israel falam diretamente em nome do Senhor dos Exércitos.

A classe dirigente americana agradece o compromisso dos judeus com Israel. Durante a guerra fria e sua derivação bastarda, a guerra contra o terror, Israel serviu aos interesses dos EUA no Oriente Médio. E a transformação de um grupo importante de comentaristas, intelectuais e estudiosos judeus, que antes se mostravam críticos e defendiam valores universais e agora defendem a superioridade moral e o domínio moral dos EUA, foi muito conveniente para nossos líderes e ofereceu trabalhos lucrativos aos oportunistas.

Agora, isso tudo é bom para os judeus? O fato de que Israel considere assentado o papel dos EUA como polícia no Oriente Médio não garante, de imediato, a sobrevivência do Estado israelense. A tão celebrada "associação estratégica" não é necessariamente permanente. Se os dirigentes americanos decidirem que interesses estratégicos mais gerais impõem a necessidade de sujeitar ou, inclusive, abandonar Israel, eles não hesitarão em fazê-lo. Aos protestos dos judeus americanos responderiam evocando a questão da dupla lealdade com a qual os líderes judeus são hoje tão complacentes.

Os judeus americanos prestariam melhor serviço aos israelenses, talvez, se evitassem a identificação total com Israel e assumissem uma postura mais reflexiva. Jerusalém mudou de mãos dezenas de vezes desde a conquista romana. As políticas de Israel, que combinam a brutalidade com o desprezo pelos árabes, suscitarão outra mudança, e muito em breve. Supunha-se que o Estado judeu devia proteger a diáspora, mas agora é a diáspora que protege o Estado judeu. Entretanto, a diáspora americana já ultrapassou seus limites. Sua capacidade de ajudar indefinidamente Israel é discutível.

Nos EUA, os principais aliados dos judeus costumavam ser os protestantes liberais, os católicos modernos, cujo triunfo máximo foi o Concílio Vaticano II, e os leigos progressistas. Agora, os judeus estão aliados com outros que não faz muito eram encarniçados anti-semitas. Para os protestantes fundamentalistas, a criação de Israel significa que a conversão dos judeus é iminente. E se os fundamentalistas exigirem que

“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

os judeus americanos antecipem o final dos tempos e comecem a se converter? Alguns acolheram a crise do Líbano como o começo do Apocalipse. Ao mesmo tempo, lutam na esfera pública contra o pluralismo, que é indispensável para os judeus possuírem direitos permanentes em nosso país.

Os EUA correm o perigo de se converter em uma nação que não se define pela cidadania, mas pelas conexões entre comunidades étnicas e religiosas em apuros, às quais une um impossível projeto de dominar o mundo. Poderão os Prêmios Nobel e a habilidade nos negócios, além das imagens bíblicas do século 17, segundo as quais a América era um novo Israel, proteger a minoria judaica à medida que nosso projeto imperial se desintegra? Esse desfecho poderia gerar tensões internas que desaguariam em uma nova onda de anti-semitismo.

No New Deal de F. D. Roosevelt e na Great Society de L. Johnson, os judeus tiveram um papel importante dentro das alianças para reconstruir a sociedade. Tornar a dirigir as energias judaicas para esses projetos é uma forma mais eficaz de assegurar a sobrevivência dos judeus americanos do que formar coalizões com quem rechaça as raízes de nosso país na Ilustração. E, indiretamente, também pode ser benéfico para Israel: uns EUA com uma visão mais realista de si mesmos seriam mais comedidos com respeito a seu papel no mundo e teriam uma opinião mais equilibrada sobre suas responsabilidades.

A imparcialidade no Oriente Médio não prejudicaria Israel e sim o ajudaria, reduzindo a agressividade e o militarismo que atualmente dominam a cultura política israelense. Outro dia, um general israelense fez uma avaliação de longo alcance ao declarar que Israel está em guerra há 6 mil anos. Tanto a população atual de Israel como os povos vizinhos prefeririam começar os próximos 6 mil anos com alguns decênios de paz.

Os EUA poderiam ajudar empregando sua grande influência e seus recursos para obrigar Israel a restabelecer negociações sérias com os palestinos. A belicosidade por procuração de muitos judeus americanos é destrutiva. A História não julgará com benevolência os que a fomentam.

A obsessão dos judeus americanos com Israel como o centro de sua vida não estava tão clara nas primeiras décadas do Estado israelense. Aliás, os dirigentes da comunidade judaica diziam aos israelenses que a pátria dos judeus americanos eram os Estados Unidos, e não Israel. O curioso é que, à medida que o Holocausto se distancia no tempo, sua presença na imaginação dos judeus, tanto nos EUA como em Israel, parece aumentar e reviver toda uma série de fantasmas.

Chegou o momento de fazer uma avaliação mais séria das dimensões históricas do presente. Isso, em si, já é suficientemente difícil.

* Norman Birnbaum é sociólogo e professor emérito na Faculdade de Direito